



## RESENHA

Dérick Lima Gomes

---

SMITH, Ricardo. **Amazônia... A ira dos poderosos**. Gurupi: Editora Veloso, 2016.

O livro *Amazônia... A ira dos poderosos* de Ricardo Smith é uma obra literária com grande potencial para a compreensão da formação social e espacial de uma parcela da Amazônia brasileira, sobretudo a partir dos eventos históricos ocorridos na segunda metade do século XX.<sup>1</sup> Por meio de memórias contadas de forma envolvente, fruto das experiências individuais e coletivas do personagem principal do romance, Seu Marçal, os leitores irão se deparar com as aventuras de um homem que viveu intensamente a região.

Como o seu personagem, o amapaense Ricardo Smith também viveu no Sudeste do Pará, onde pôde, durante vinte anos, conhecer e presenciar parte dos fatos narrados, de modo que a frase atribuída a Marçal, ao final do livro, talvez seja capaz de resumir sua própria experiência na região: “assim foi que o que vi nesses longos anos de existência por estas bandas. Muita coisa não presenciei, mas ouvi dizer. Outras eu presenciei e pude constatar de perto como ocorreram” (SMITH, 2016, p. 195). Smith, que além de escritor é músico, professor e engenheiro civil, também publicou em 2009 a obra “A casa dos padres”, vencedora do Prêmio Barão de Guajará, no gênero memória, concedido pela Academia Paraense de Letras.

---

<sup>1</sup> As leituras citadas em nota de rodapé são destinadas àqueles que, porventura, desejarem aprofundar-se sobre temas específicos retratados no livro *Amazônia... A ira dos poderosos*. Essas obras acadêmicas, obviamente, não esgotam os assuntos aos quais se dedicam; mas são indicadas por oferecerem uma primeira aproximação qualificada ao leitor.

Os eventos iniciais narrados em *Amazônia... A ira dos poderosos* remetem aos tempos dos castanhais, e abrangem as relações entre seus donos, castanheiros e indígenas no Sudeste paraense. No que diz respeito aos segundos e aos últimos, o desencontro entre mundos diferentes resultou em estranhamento, conflitos e mortes de ambos os lados,<sup>2</sup> enquanto as riquezas, o poder político e o prestígio local foram concentrados pelos primeiros. Essa relação desigual entre donos de castanhais e castanheiros ocorreu mediante o sistema de aviamento, recordado por Marçal da seguinte forma: “Tinha gente que passava o ano todo sem andar na rua, ficava direto dentro da mata. Os donos de castanhal tinham um ‘borradô’ que anotava tudo o que a gente pegava na venda e descontava quando voltava da mata” (SMITH, 2016, p. 15), o que impossibilitava o acúmulo de dinheiro pelos trabalhadores e a melhoria de suas condições de vida.<sup>3</sup>

A cada capítulo, histórias e História são acionadas em conjunto. A exploração dos recursos da região, mediada sobretudo por interesses econômicos supralocais, é percebida e interpretada pelos sujeitos por meio de sentidos próprios, nos lugares onde habitavam, preche de visagens, lendas e mitos contados há gerações, por pessoas que, como eles, até então se apropriavam da natureza com o objetivo principal de garantir a sobrevivência de suas famílias. Por isso, surpreendem-se com o crescente desmatamento nos castanhais a partir da expansão da pecuária, que passou a provocar a destruição da fauna e da flora.<sup>4</sup>

O boteco de Teônio é o lugar de encontro para que ele, Quixabeira e Marçal comentem as constantes mudanças na região, e onde a cada gole de pinga expõem suas curiosidades, revoltas e esperanças em dias melhores; e é lá que as novidades contradizem suas expectativas. A cada fato relatado, a violência apresenta-se como um componente principal das conversas, a exemplo do dia em que Marçal surgiu assustado e profundamente abalado, contando o infeliz encontro que tivera com o Exército Brasileiro, que naquele momento perseguia os guerrilheiros do Araguaia, escondidos próximo às áreas onde o tropeiro seguia todos os dias com seus burros de carga.

---

<sup>2</sup> Ver MARTINS, José de Souza. O tempo da fronteira: retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. In: MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do Outro nos confins do Humano. São Paulo: Contexto, 2009. p. 132-179.

<sup>3</sup> Ver EMMI, Marília Ferreira. **A Oligarquia do Tocantins e o domínio dos castanhais**. Belém: Centro de Filosofia e Ciências Humanas (NAEA/UFPA), 1987.

<sup>4</sup> Ver VELHO, Otávio Guilherme. **Frentes de expansão e estrutura agrária**: estudo do processo de penetração numa área da transamazônica. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009.

“Paulistas” era como os camponeses chamavam essas pessoas de aparências e sotaques diferentes, oriundas de outros lugares do país, que naquele momento habitavam as matas e “[...] praticavam atos de solidariedade por onde passavam. Ensinavam a plantar, colher e salvaram muitas vidas com seus conhecimentos de medicina” (SMITH, 2016, p. 59). Como no caso da denominação dos guerrilheiros, Smith tem o mérito de descrever com habilidade não só os hábitos da população local e suas percepções sobre aquilo que conhecem, mas também o de usar o rico vocabulário regional para tal. São recorrentes expressões como “rua”, “centro” e “maré”, as quais remetem a espaços distintos, apropriados por modos de vida também heterogêneos, que se articulam ora de modo equilibrado, ora conflituoso. As ciências sociais, que possuem forte tradição no estudo de categorias nativas, podem, assim, valer-se da obra como subsídio para analisar estes e outros tantos termos relativos às atividades da coleta da castanha, da agropecuária e do garimpo.

É possível perceber ainda como outras expressões, construídas não pelas pessoas humildes da região e sim por grupos externos a esta, serviram como instrumento discursivo e legitimador das posteriores alterações realizadas no Sudeste paraense e em outras partes da Amazônia. “Desenvolvimento”, “progresso” e “integração” foram alguns dos termos empregados pelos Governos Militares (1964-1985) para justificar a construção de obras como a Rodovia Transamazônica, denominada por Smith como “Rodovia do Pesadelo”, a qual intensificou o fluxo migratório de camponeses, fazendeiros e empresários ao Pará;<sup>5</sup> e da Hidrelétrica de Tucuruí, cujo lago criado fez desaparecer cachoeiras, corredeiras e pedrais, além de provocar deslocamento populacional compulsório com a destruição de espaços outrora ocupados.<sup>6</sup> Conforme o romance retrata, as modificações espaciais, sobretudo resultantes da construção de estradas, reordenou a forma de comercializar produtos, viajar e se relacionar das pessoas, bem como aumentou a cobiça dos poderosos pelos recursos naturais.

Nesse sentido, um tema transversal a todo o romance é a expansão da fronteira agrícola, diretamente subsidiada pelo Estado brasileiro, que teve como um de seus

---

<sup>5</sup> Ver HÉBETTE, Jean. **Cruzando a fronteira**: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia, v. 1. Belém: EDUFPA, 2004.

<sup>6</sup> Ver MAGALHÃES, Sônia Maria Simões Barbosa. **Lamento e Dor**. Uma análise sócio-antropológica do deslocamento compulsório provocado pela construção de barragens. 2007. 278 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

resultados as grilagens de terra e o aumento da concentração fundiária e dos conflitos entre fazendeiros e posseiros. Smith demonstra conhecer histórica e sociologicamente o tema, e narra com maestria os assassinatos cometidos por jagunços a camponeses que buscavam um lote de terra para sobreviver; demonstra, ainda, a injustiça e a revolta daqueles que pouco ou nada podiam fazer diante do poder dos oligarcas regionais e dos fazendeiros recém-chegados, já que ambos ditavam o direito à vida ou à morte segundo seus próprios interesses.

Os assassinatos de posseiros, sindicalistas e jornalistas, também retratados por Smith, não se restringem ao objetivo imediato de impedir ações contrárias aos interesses individuais e classistas. Mais do que isso, a utilização do terror funcionava, e funciona, como um instrumento de poder que buscava coagir resistências futuras, ao esclarecer quem manda e quem obedece, servindo como aviso aos que ousassem questionar ou desrespeitar o “desenvolvimento” da região.

Embora sejam angustiantes as descrições das mortes de camponeses que tentavam ocupar fazendas ociosas, de forma mais espontânea ou organizados com o auxílio de setores da Igreja Católica, a caracterização dos pistoleiros é digna de nota. Contratados pelos poderosos para fazer as “limpezas de área”, estes sujeitos são descritos como pacatos, calmos e extremamente frios. São eficientes ao realizar as ordens dos fazendeiros e temidos por quem conhece a ousadia singular dos que têm o assassinato como ofício, além de fundamentais nos conflitos entre os próprios donos de terras, que, por vezes, enfrentavam-se em tentativas de demonstração de força, poder e influência.<sup>7</sup>

As aventuras contadas sobre Serra Pelada, em particular, preenchem o imaginário e os bate-papos de Marçal e seus amigos, como as dos homens que saíram em busca de ouro, bamburraram e gastaram todo o dinheiro rapidamente; as bebedeiras, confusões e mortes nas cidadezinhas próximas à Serra; os relatos sobre sujeitos que, depois de enricarem, perderam tudo na ganância de investir em encontrar mais ouro; e claro, as histórias cômicas que animam toda conversa de bar: “– Ei, pessoal, venham ver só o que está acontecendo ali na rua. Um garimpeiro correndo com uma ‘fieira’ de

---

<sup>7</sup> Sobre os seis últimos parágrafos ver PEREIRA, Airton dos Reis. **A luta pela terra no Sul e Sudeste do Pará: migrações, conflitos e violência no campo**. 2013. 265 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

dinheiro amarrado nas costas por um barbante, e dizendo que quem corre atrás dele agora é o dinheiro” (SMITH, 2016, p. 75).

Esperança, frustração e violência se mesclam mais uma vez quando trabalhadores rurais saem em busca de emprego e, depois de contratados, se deparam com jagunços que impedem a sua saída das fazendas sem que antes quitassem as dívidas injustas e intermináveis a que foram submetidos. Essa passagem do livro é uma das que melhor retrata como a expansão do capitalismo na Amazônia teve como forte alicerce a acumulação primitiva, e Smith, ao descrever a peonagem e suas cruéis implicações, nos convida a refletir sobre uma forma de privação de liberdade ainda existente na região.<sup>8</sup>

Com uma narrativa que aparenta seguir cronologicamente as mudanças que a fronteira amazônica vivenciou, o autor descreve ainda os efeitos causados pela economia da mineração, mais especificamente com a criação da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), que estimulou o crescimento urbano-demográfico em suas proximidades e diversas mazelas sociais, como roubos, assassinatos e prostituição infantil. Como Smith destaca, essa realidade difere bastante na Company Town construída pela empresa na própria Serra dos Carajás para sua equipe técnica de *staff*, um espaço calmo, com boas casas e saneamento básico.<sup>9</sup>

Coerente do início ao fim, o romance possui linguagem de fácil entendimento e pode subsidiar análises geográficas, históricas, entre outras acerca da região. Em tempos nos quais o tema da necropolítica<sup>10</sup> mostra-se bastante pertinente para a compreensão de sociedades como a brasileira, a dramaticidade do livro tem o potencial de nos despertar emoções por meio da imaginação baseada em fatos verídicos, convidando-nos a refletir como a violência foi e continuar a ser um elemento central da formação social e espacial da Amazônia.

Assim, *Amazônia... A ira dos poderosos* merece ser lido, refletido e comentado em sala de aula, pesquisas acadêmicas ou em momentos de lazer. O livro ajudará na compreensão das relações que permearam a construção da região e das consequências

---

<sup>8</sup> Ver MARTINS, José de Souza. A reprodução do capital na frente pioneira e o renascimento da escravidão. In: MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do Outro nos confins do Humano. São Paulo: Contexto, 2009. p. 71-99.

<sup>9</sup> Ver TRINDADE JR., Saint-Clair Cordeira da; ROCHA, Gilberto de Miranda (org.). **Cidade e empresa**: gestão do território e desenvolvimento local. Belém: Paka-Tatu, 2002.

<sup>10</sup> MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151, 2016.

atuais dos processos de “modernização” a que foi submetida. Por meio da empatia criada em relação aos personagens que resistem direta ou indiretamente aos projetos de desenvolvimento, a obra literária ampliará os horizontes daqueles que sonham com uma Amazônia mais justa, social e ecologicamente.

---

### **Informações sobre o autor**

#### **Dérick Lima Gomes**

Professor Substituto da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável pelo Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas da Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduado em Licenciatura Plena em Geografia pela UEPA.

E-mail: [dericklima16@hotmail.com](mailto:dericklima16@hotmail.com)

Enviado em: 06/06/2020 e aceito em: 19/03/2021.